

LUIS TURIBA*

Obra(sobre) nome (sobre) natural

Nhô nô tô saben dondê cô tô.
Palavra nenhuma sabe donde qui tá.

Pode está na luz, pode está na sombra, no som, no papel, na parede, na rede, na gota d'água, no orvalho, na partícula atômica da molécula – ou “diz que fui por aí tocando um violão debaixo do braço”, à maneira de Zé Kéti.

Tempos híbridos. Broça nueva; mistura & manda; papa-fina, papo de bamba. Poesia, mensagem de satélite, publicidade, cyberspace digital, ciência do futuro com raiz de orixá fashion e chip no xibiu.

O que será que seria desta sereia?

Não tentem enquadrar a poesia, pois está tudo muito arredondado e as pedras continuam rolando.

Melhor do que o gol foi o drible de corpo que Pelé deu no goleiro uruguaio na Copa de 70.

Ping-Pong, pong-ping: de pé oh vítimas de esfinge!

Ou a gente se RaONU ou a gente se Sting!

Mas é tudo muito simples também.

Assim como os poetas, são os bebês, quando estão aprendendo a balbuciar as primeiras palavras. Criam esses sistemas inventivos de comunicação e linguagem: pontes dialéticas entre vasos comunicantes, ponte aérea entre a Razão e a Emoção.

É com eles – os bebês - que desaprendemos a logística da sintaxe e criamos as tais desequações lingüísticas que ficam zoando por aí.

Na boca dos bebês, palavras voam, dão cambalhotas, brincam de roda, entram em transe num estado zen zaum de ser e star, como diria o poeta andarilho russo V. Khlébnikov.

Augusto de Campos escreveu sobre “A Poesia das Palavras Desconhecidas”, álbum-designer de Lia Zdanévith (outra figura de proa da Vanguarda Russa do início do século), também conhecido como Iliazd, na Bric-a-Brac nº 3.

Há uma estranha beleza plástica em toda aquela matemôntica robótica.

Voltemos aos bebês. Afinal, eles são o início de TUDO & TODOS. Um dos primeiros verbos que um bebê aprende é o dar. Ele pede “dá”. Depois, o vocábulo cair. Até porque não conseguem ficar

* Poeta, jornalista, editor da Revista Bric a Brac. Assessor de comunicação do ministro da cultura Gilberto Gil.

com algo nas mãos por mais de dois minutos. Se a coisa não cai, o bebê a joga no chão com a aquele impulso de realização. Joga e, todo feliz, vem logo comunicar a mãe, ao pai, avó ou babá.

C

a

i

i

u

u

u!

Diz o bebê repleto de satisfação apontando a coisa lá no chão.

É a palavra-movimento, assim como a pergunta “Cadê?” tem sua coreografia própria, com os bracinhos abertos e aquele beicinho único de interrogação.

Penso no amor, esse sentimento-mãe, e penso na palavra “love” e, ato contínuo, em alguns poemas gráficos, especialmente um, de Décio Pignatari, todo colorido (penso que o “Brasil: país de todos” foi criado a partir dele).

I amo love, porque é uma palavra ovalada, orvalhada, molhada, arredondada, um pinto saindo do ovo, uma lua cheia em forma de coração de neon, ou uma daquelas músicas bregas-apaixonantes na voz de Caetano Veloso em filme de Almodóvar.

Enfim, “love” é uma palavra orgástica repleta de esperança e fé, dor e felicidade – é dramática, mas ao mesmo tempo é imaginática; enquanto “anônima” é qualquer coisa sem sal, sem sol, sem sul, uma palavra quase afônica, mas certamente anêmica – sem nenhuma personalidade ânima.

Assim são os nomes, os sobrenomes e os sobrenaturais de almeida na obra de Nelson Rodrigues.

Manoel de Barros, poeta pantaneiro, fala com sabedoria da subversão de transformar palavras em insetos poéticos:

“O assunto não pode subir no poema como erva. Desprezo o real, porque ele exclui fantasia. Um frase encontrada em Guimarães Rosa: “A poesia nasce de modificações das realidades lingüísticas”. As nossas particularidades só podem ser universais se comandadas pela linguagem. E isso é tão velho quanto abrir janelas. Acho, por fim, que jamais alcançaremos o veio da criação. As palavras embromam em vez de aclamar. O poço está cada vez mais escuro e mais fundo. Até a eternidade. Amém.”